

**15ª Jornada Nacional de Literatura**  
*Leituras jovens do mundo*

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura  
e Patrimônio Cultural**  
*Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.*

**De 27 a 31 de agosto de 2013**  
**UPF**  
**Passo Fundo (RS), Brasil.**

**O MARINHEIRO ENCALHADO: CONSIDERAÇÕES ACERCA DO  
CONTO “SAGA”**

Glauciane Reis Teixeira<sup>1</sup> (UFRGS)

O sonho da conquista e do domínio absoluto, o espírito aventureiro e ousado dos lusitanos, aparece sempre representado pelo mar, temática recorrente em obras de autores de diferentes épocas e estilos, entre os quais destacamos Sophia de Mello Breyner Andresen (1919-2004). Para realizarmos a abordagem sobre o mar em Andresen, escolhemos o conto “Saga”, inserido no livro *Histórias da terra e do mar*<sup>1</sup>.

“Saga”, como o título assinala, retrata a trajetória de **sucesso** de Hans desde a adolescência até a morte. Nesse sentido, além de refletirmos sobre essa personagem e a sua relação com o mar, temos também como objetivo demonstrar que em alguns momentos o protagonista e sua trajetória podem ser associados e/ou distanciados da representação do povo português.

**1. ESPÍRITO AVENTUREIRO: A PAIXÃO PELO MAR**

O mar, elemento misterioso, tem o poder desencadear diferentes sentimentos nos sujeitos, pode tanto seduzir quanto amedrontar. Espaço ambíguo por natureza, visto que da mesma forma em que se mostra inteiro, esconde nas suas profundezas, concentra em si opostos: pode tanto dar como tirar a vida. É esse ambiente instável que fascina Hans ao longo de toda a sua existência.

A família do protagonista residia no interior da ilha de Vig, uma floresta separava a casa da costa litorânea. Porém, a distância não impedia o jovem de ir inúmeras vezes até a praia, cruzar as ruas e o cais em direção ao promontório, de onde contemplava a sua paixão: o mar. O cheiro, a cor, a maresia, o vento, o rumor, enfim,

---

<sup>1</sup> Devido à impossibilidade de localização da obra impressa, utilizaremos neste artigo a obra online disponível em < <http://pt.scribd.com/doc/13273331/SAGA-Texto-Integral>>. Acesso em: 20 de novembro de 2012.

**15ª Jornada Nacional de Literatura**  
*Leituras jovens do mundo*

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura  
e Patrimônio Cultural**  
*Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.*

**De 27 a 31 de agosto de 2013**  
**UPF**  
**Passo Fundo (RS), Brasil.**

tudo que emanava do espaço marítimo exercia uma poderosa atração sob Hans, que projetava para si um futuro ligado à imensidão marinha.

Hans persegue o imaginário mítico e épico construído sobre a figura do marinheiro. Ele quer ser um desbravador: navegar por mares desconhecidos, conhecer culturas e terras diferentes. É importante ressaltarmos que o jovem quer perecer com a solidão, ter o corpo marcado pela experiência, viver fortes emoções, mas deseja regressar a sua pátria, para ser recebido com alegria. A única coisa que espera em troca é obter o reconhecimento dos seus feitos através da perpetuação de sua história, quer ser um mito em sua terra.

No entanto, o projeto de vida do protagonista não tem o aval paterno. Sören, o pai, abandonou a vida marinha depois que um de seus veleiros naufragou e os dois irmãos mais novos morreram. Dessa forma, o patriarca não se contentou em apenas trocar de profissão, somente a distância física poderia o tranquilizar. Assim, o trauma da perda fez com que comprasse terras no interior da ilha e para lá se mudasse com a família, numa tentativa de protegê-la.

Com o intuito de afastar Hans do perigo, Sören oferece ao filho a oportunidade de estudar em Copenhague. Todavia nada além do mar motivava o garoto. Contrariando as rogativas paternas, o protagonista alista-se como grumete num cargueiro chamado Angus, e foge de casa. Chegara o momento de ouvir o chamado, de começar o cumprimento de sua vocação essencial, de partir e dar início ao seu sonho. É possível associarmos, nesse momento, a imagem de Hans com a do mito do português-desbravador, aquele que não se contentou com a pequenez da terra onde vivia, lançando-se na aventura das descobertas, com o deslumbramento e a embriaguez do desconhecido.

## **2. RELÂMPAGO BRILHANTE: DA REALIZAÇÃO À RENÚNCIA**

A bordo do Angus, o grumete chega a uma cidade no sul do mesmo continente. O cargueiro ficou alguns dias atracado no cais, e na véspera da partida o protagonista

**15ª Jornada Nacional de Literatura**  
*Leituras jovens do mundo*

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura  
e Patrimônio Cultural**  
*Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.*

**De 27 a 31 de agosto de 2013**  
**UPF**  
**Passo Fundo (RS), Brasil.**

desrespeita o seu comandante. Como forma de punição ao ato de ousadia, no porão o capitão chicoteia Hans diante de todos os tripulantes. O desejo de liberdade se sobrepõe novamente, o jovem não se dobra as regras impostas por uma hierarquia que possa lhe cercear a realização plena de seu sonho. Mais uma vez foge, abandonando o navio.

O rapaz vagou pela cidade por cinco dias, no final dos quais se encontrava “tonto de descobrimento, de espanto, de solidão” (ANDRESEN, p.5). Durante esse tempo que perambulou errantemente, Hans teve o contato com o lado sombrio e até então desconhecido da imagem idealizada do marinheiro, porque sofreu a opressão da experiência da estraneidade, motivada pela incomunicabilidade: “A língua estrangeira fechava em sua roda um círculo. De repente, reconheceu o seu exílio, a sua fraqueza” (ANDRESEN, p.5). A língua é um dos principais elos identitários, um meio que permite ao ser humano fazer parte de um grupo, sendo a porta de entrada para uma cultura diferente, portanto também um laço social. A falta de domínio do idioma estrangeiro é o fato que desencadeia a exclusão da personagem e gera a sensação de não-pertencimento.

No conto a cidade assume forma de labirinto, devido às dificuldades de integração de Hans, configurando-se simultaneamente como *um beco sem saída* e uma tentativa de encontrar uma saída, pois, na condição de exilado e de desertor não divisa nenhuma perspectiva. Legitimam essa leitura as discussões de Renato Cordeiro Gomes (1994, p.64), que também associa a cidade ao labirinto. O pesquisador destaca que, ao contrário do labirinto mítico, “aqui não é a trilha para chegar-se ao centro, é antes, marca da dispersão”. Desprovido do fio de Ariadne, o cidadão transforma-se em um “homem à deriva” (GOMES, 1996, p.64), preso nas malhas urbanas que se espriam, sem saber por qual trilha seguir. Essa é a condição da personagem de Hans, que navega “à deriva” pelas as ruelas da urbe. É justamente no momento em que tem a dimensão exata da sua **precariedade**<sup>2</sup> que surge o “fio de Ariadne” para tirá-lo do labirinto: Hoyle, um armador e negociante inglês, inadaptado a terra.

---

<sup>2</sup> Sobre a precariedade no indivíduo moderno, ver: ROSENFELD, Anatol. Reflexões sobre o romance moderno. In: \_\_\_\_\_. *Texto e contexto*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

**15ª Jornada Nacional de Literatura**  
*Leituras jovens do mundo*

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura  
e Patrimônio Cultural**  
*Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.*

**De 27 a 31 de agosto de 2013**  
**UPF**  
**Passo Fundo (RS), Brasil.**

Vivia naquela cidade há trinta anos, mas sempre como estrangeiro, sem aprender decentemente a língua da terra nem se habituar à sua comida. Só ao clima e aos vinhos se habituara. Para além das relações com empregados, criados e alguns comerciantes não convivia com indígenas. As suas relações e amizades eram só com ingleses, só falava bem inglês, só lia jornais ingleses e comia só comida inglesa com mostarda inglesa, na sua casa mobilhada com mesas, cadeiras, armários, camas e gravuras inglesas e onde pairava sempre um cheiro inglês a farmácia. (ANDRESEN, p.5)

Hoyle oferece abrigo e proteção para o desertor. Os dois indivíduos exibem a precariedade de suas vidas: inglês resiste a integração com a terra e o rapaz não tem mais ninguém por ele. É a solidão e a vulnerabilidade que os aproxima, e os fortalece. Nessa cidade, na condição de negociante o inglês permanece estrangeiro, marginal ao sistema que se recusa a incorporar, porém enxerga no adolescente evadido o “reflexo da sua própria juventude aventureira que, há muito tempo, naquela cidade ancorara” (ANDRESEN, p.6). Logo, estabelece-se um vínculo entre ambos, o comerciante projeta em Hans o futuro que almejou para si próprio.

Diferente do pai biológico que desprezava a vida ultramarina e do capitão de “barba vermelha” (ANDRESEN, p.3) que não aceita ameaças a sua autoridade, o inglês incentiva e apoia o adolescente; provavelmente por ser também o marinheiro que se tornou emigrante, que fixou raízes no solo que deveria apenas desbravar. O espírito de aventura, latente em um e vivo em outro, é o que os irmana e leva o negociante a realizar o sonho do garoto: aos 21 anos, torna-o capitão de navio.

Finalmente Hans gozava da liberdade proveniente do mar. Transformara-se no *marinheiro desbravador*: navegara por diferentes mares, conhecera diferentes ilhas, caminhara por ruas de cidades desconhecidas. Sentira o prazer de velejar em águas calmas e a emoção de conduzir o navio durante temporais. A satisfação apenas não estava completa porque diferente do idealizado na infância, não podia regressar a Vig para contar sobre todas as belezas que vira. Até este momento, o mar estava sendo o espaço da satisfação e o navio velejador, o símbolo de sua identidade.

**15ª Jornada Nacional de Literatura**  
*Leituras jovens do mundo*

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura  
e Patrimônio Cultural**  
*Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.*

**De 27 a 31 de agosto de 2013**  
**UPF**  
**Passo Fundo (RS), Brasil.**

Entretanto, a euforia da realização da personagem não passa de um relâmpago brilhante, pois ao voltar de uma de suas viagens, Hans encontra Hoyle cego e doente. Diante disso, é obrigado a deixar o cargo de empregado para assumir o posto de sócio do inglês. Depois de ter calcorreado vários países e atravessado mares, a liberdade do navegador é mais uma vez cerceada, seu espaço se restringe: a imensidão marítima cede espaço para a burocracia. A personagem percebe a dimensão de sua precariedade:

E Hans compreendeu que, como todas as vidas, a sua vida não seria mais a sua própria vida, a que nele estava impaciente e latente, mas um misto de encontro e desencontro, de desejo cumprido e desejo fracassado, embora, em rigor tudo fosse possível. E compreendeu que as suas grandes vitórias seriam as que não tinha desejado e que, por isso, nem sequer seriam vitórias. (ANDRESEN, p.7)

Passagem rápida da satisfação à frustração. Do mesmo modo que Hoyle, o protagonista também precisa abandonar o seu espírito aventureiro e fixar-se na terra, a história de um reflete na do outro. Hans deixa de ser um desbravador para se tornar um emigrante. A transformação dos planos pode ser aproximada à imagem do português, uma vez que Eduardo Lourenço (1988, p.123), ao discutir sobre o tema da emigração portuguesa, afirma que a aventura expansionista é geralmente “considerada como uma espécie de subproduto” do fenômeno da condição de emigrante. Nessa perspectiva, “aventura de pobre é sempre a dos que buscam em longes terras o que em casa lhes falta. [...] Pobres, saímos de casa para ser ou tentar ser senhores: em Goa ou Malaca, onde era mais fácil, para muitos, o acesso à riqueza” (LOURENÇO, 1988, p.123).

A princípio, o adolescente nórdico não sai de casa porque lhe falta algo *material*, o que realmente lhe falta é a liberdade e o reconhecimento da vocação aventureira. Parte em busca da realização da sua missão, deseja ser senhor em **alto mar**, todavia acaba sendo senhor em uma **terra** ao sul. O “acesso à riqueza” ocorre quando a habilidade marinha é interdita, fazendo com que a comercial despontasse.

Se de um lado é possível aproximarmos a personagem em questão à imagem do português, de outro lado também é possível a distanciamos. O fato de Hans ser protestante, crença herdada do pai, o afasta do povo lusitano, podendo tal credo

**15ª Jornada Nacional de Literatura**  
*Leituras jovens do mundo*

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura  
e Patrimônio Cultural**  
*Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.*

**De 27 a 31 de agosto de 2013**  
**UPF**  
**Passo Fundo (RS), Brasil.**

religioso ser vinculado ao sucesso financeiro do mesmo. Corrobora com essa perspectiva o discurso de Antero de Quental sobre as “Causas da decadência dos povos peninsulares”, o estudioso defende que o catolicismo, o absolutismo e o colonialismo foram as três principais causas da decadência. Para Quental (1994, p.7), os países que adotaram a Reforma Protestante conseguiram manter o progresso econômico em razão da liberdade moral, oposta ao catolicismo, e do desenvolvimento da indústria, oposto ao espírito de conquista e simpático ao trabalho e ao comércio. Desde a adolescência Hans escolhe a liberdade, o seu espírito aventureiro não ambiciona a conquista da terra nem a exploração predatória, no entanto quando é obrigado a fixar raízes em terra estrangeira é pelo comércio que atinge o sucesso, o qual não lhe é uma vitória.

### **3. O MARINHEIRO ENCALHADO**

O exílio imposto pelo pai é o preço alto com que Hans paga a concretização do sonho. O narrador apresenta Sören como um homem austero, lacônico e severo, pouco afeito a conversas improdutivas. O patriarca carrega em si as marcas do credo religioso que segue, com as quais conduz a família:

Nele [Sören], como na igreja luterana, havia algo de austero e solene, apaixonado e frio. A casa e à família imprimia uma inominada lei de silêncio e reserva onde o espírito de cada um concentrava a sua força. De certa forma Sören reconhecia o risco que corria: sabia que é no silêncio que se escuta o tumulto, é no silêncio que o desafio se concentra. (ANDRESEN, p.1)

A família vive sob o jugo do silêncio, elemento ambivalente que nunca é o espaço vazio. Ao contrário, é a matéria significativa por excelência, com ele os sentidos nascem, visto que na vida em sociedade é preciso sempre produzir sentido, qualquer que seja, assim, o “homem está ‘condenado’ a significar. Com ou sem palavras” (ORLANDI, 1995, p.31). Destarte, esse componente da linguagem concentra opostos, dependendo do contexto pode significar cumplicidade ou ser um forte instrumento de oposição e resistência.

**15ª Jornada Nacional de Literatura**  
***Leituras jovens do mundo***

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura  
e Patrimônio Cultural**  
***Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.***

**De 27 a 31 de agosto de 2013**  
**UPF**  
**Passo Fundo (RS), Brasil.**

Ao lado do silêncio, o patriarca impele também a “disciplina de responsabilidade e de escolha dentro da qual cada um ficava terrivelmente livre” (ANDRESEN, p.1). Tal sistemática adotada, possivelmente, é derivada dos pressupostos da igreja protestante, porque conforme Quental, uma das características oriundas da Reforma é a *liberdade moral*, a qual apela para “o exame e a consciência individual”, sendo contrária “do catolicismo [...] para quem a razão humana e o pensamento livre são um crime contra Deus” (1994, p.7).

Embora deixe cada membro livre para tomar as suas decisões, mesmo longe o pai faz Hans arcar com as consequências do ato de desobediência, cumpria com a disciplina da “responsabilidade de escolha” (ANDRESEN, p.1) imposta a todos. Nem o abandono da vida marítima faz Sören perdoar ou permitir o regresso do filho. O patriarca jamais respondera as cartas, conservara até o fim o silêncio, através do qual manteve a força de seu poder. Diante disso, se considerarmos que o conto em análise foi publicado no ano de 1972 é quase impossível não relacionarmos o silêncio de Sören e o exílio de Hans à ditadura salazarista (1933 a 1974). Tal analogia torna-se válida, pois nas políticas totalitárias o poder só exerce a sua função se acompanhado de um determinado silêncio, o da opressão, segundo Eni P. Orlandi (1995, p.104). Juntamente com qualquer sistema de governo ditatorial que oprime os indivíduos está o exílio, seja ele imposto ou voluntário.

O termo exilado não é restrito exclusivamente para aqueles que foram atingidos pela repressão, perseguidos diretamente por suas posições ou práticas políticas. Exilado foi também quem deixou o país recusando-se a viver sob uma ditadura, assim como Hans que rompeu com um projeto que não planejou. Viveu mobilizado pela volta, pelo desejo de recuperação do projeto inicial: ser reconhecido em Vig pela ousadia e pela coragem. Ao fim da vida percebe que tudo foi em vão: “burguês próspero, comerciante competente, que nem se perdera na tempestade nem regressara ao cais, nunca ninguém - contaria a história, nem de geração em geração, se cantaria a saga” (ANDRESEN, p.10).

Enfim, a imagem épica da aventura e da navegação cai por terra. Através dessa personagem temos a representação do peso da epopeia real: “a da emigração, a da

**15ª Jornada Nacional de Literatura**  
***Leituras jovens do mundo***

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura  
e Patrimônio Cultural**  
***Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.***

**De 27 a 31 de agosto de 2013**  
**UPF**  
**Passo Fundo (RS), Brasil.**

diáspora de corpo e alma, com a sua sombra de fatídico e duro exílio” (LOURENÇO, 1988, p.122). O que falta para Hans é a terra da qual desertara, o sucesso financeiro jamais preenche o vazio da existência. Sendo esse o resultado “da moderna emigração”, segundo Lourenço, a qual não é capaz de fazer “esquecer o fenómeno-miséria de que é inseparável à partida. Desta miséria, ou antes, do sofrimento físico ou moral com que o emigrante paga a riqueza ‘regeneradora’ da pátria ausente” (LOURENÇO, 1988, p.124). A imagem do mar como fonte de aventura construída na juventude transforma-se na imagem do mar de frustrações, esse elemento deixa de ser o espaço que une as nações, como o descrito por Fernando Pessoa em *Mensagem*<sup>3</sup>, para ser o meio que realmente separa.

### **Referências**

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. Saga. In: \_\_\_\_\_. *Histórias da Terra e do Mar*. Disponível em < <http://pt.scribd.com/doc/13273331/SAGA-Texto-Integral>>. Acesso em: 20 de novembro de 2012.

GOMES, Renato Cordeiro.III- Gradus ad labythinum. In: \_\_\_\_\_. *Todas as cidades, a cidade: literatura e experiência urbana*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.p.63-75.

LOURENÇO, Eduardo. A emigração como mito e os mitos da emigração. In:\_\_\_\_\_. *O Labirinto da Saudade. Psicanálise Mítica do destino Português*. 3. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1988. p. 118-126.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 3.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

PESSOA, Fernando. *Obra Poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar,1995.

QUENTAL, Antero de *Causas da Decadência dos Povos Peninsulares*, 6.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Ulmeiro, 1994.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, bolsita CAPES.  
E-mail: glauciane.reis@yahoo.com.br

---

<sup>3</sup> Imagem nítida especialmente nos seguintes versos de “O infante”: “Deus quer, o homem sonha, a obra nasce. Deus quis que a terra fosse uma, / Que o mar unisse, já não separasse. / Sagrou-te, e foste desvendado a espuma, [...]”. (PESSOA, 1995, p.89).